Pretende esta referência conjunta a dois artigos publicados em sucessivos e recentes números duma mesma revista chamar a atenção para algumas características do «novo» discurso metodológico de origem norte-americana.

Contrariando uma tendência que parecia desembocar fatalmente na colaboração dum corpo de regras estipulador dum verdadeiro ritual de investigação (o método sociológico, «the cookbook»), este novo tipo de discurso reivindica a urgência de uma *integração efectiva da teoria e da tecnologia da observação empírica*, como momento necessário à produção controlada de conhecimentos sobre a realidade social concreta (claro está que tal reivindicação acarreta uma crítica radical do empirismo — modelo epistemológico subjacente ao trabalho da metodologia ortodoxa).

Que nos dizem os textos cujos títulos acima se registam?

Em «Inadvertent Sociological Theory», discute-se o problema da medida em sociologia, a partir da noção de «epistemic correlation» — «an assumed relationship between an unobserved (or unobservable) construct and an observed variable». Embora estreitamente ligada à tradicional questão das relações entre conceitos e indicadores ou índices (por isso mesmo nos parece inadequada a deignação de «epistemic correlection»), a análise de Lewis CARTER sugere a revisão de todo um conjunto de pressupostos metodológicos adoptados a-criticamente em inúmeros trabalhos de pesquisa sociológica. Uma discussão pormenorizada dos «impasses» e ocultações que frequentemente acompanham a construção dos índices de *status*, através de indicadores tais como educação e rendimento, permite a L. Carter afirmar a não existência de uma ligação intrínseca entre níveis de medida e variáveis. Ele demonstra-nos, com efeito, que essa ligação só pode estabelecer-se criteriosamente na estrita dependência do contexto teórico no qual se insere o conceito que se quer medir, advertindo-nos ainda de que qualquer opção específica em termos de níveis de medida se repercute, por seu turno, no estabelecimento da expressão analítica correspondente à «epistemic correlation». No que respeita à relação esntre *status* e rendimento CARTER opõe-se a que ela seja formulada de acordo com o sistemático postulado da linearidade, para isso se apoiando numa análise estatística das curvas de distribuição do rendimento global.

Em «Agregation and measurement error», Hubert Blalock — talvez o nome mais representativo da já referida nova tendência da metodologia sociológica americana — começa por afirmar que «the future of macro-level sociological research obviously depends on our ability to improve our measurements and to conceptualize more adequately the causal and other types of linkages between aggregate or global theoretical variables and operational indicators». Esta afirmação, embora revelando um tom semelhante ao de outras relações de princípio de H. Blalock, levanta vários problemas que o texto em análise se encarrega de debater. O mais importante diz respeito à própria operação de agregação, que normalmente incide sobre comportamentos ou indivíduos tidos por similares. Como estipular um critério que permita legitimamente atribuir a estes elementos uma presunção de similaridade? Só naqueles casos em que uma teoria explícita permita agregar items individuais de acordo com causas ou efeitos comuns, parece possível responder à pergunta formulada. Quando, por outro lado, a agregação se processa segundo as «conveniências» da prática administrativa e a sociologia se limita a ratificar os resultados obtidos em tais condições, surge um elevado risco de se incorrer em falácias, por mudança — incontrolada — de nível de análise.

José Madureira Pinto

FERREIRA, David — *História Política da Primeira República Portuguesa*, I e II volumes, Lisboa, Livros Horizonte, 1973.

Nos últimos anos tem vindo a afirmar-se um esforço de compreensão da problemática portuguesa que se traduz, na historiografia, pelo surgir de trabalhos sobre o século XIX em geral e, particularmente, sobre o primeiro quartel do nosso século. Poderemos mesmo prever que a década em que vivemos verá a publicação de trabalhos que, por certo, irão permitir a clarificação da génese das *linhas de força* que configuram à actual

sociedade portuguesa uma caracterização e uma especificidade determinadas.

Não queremos afirmar que tudo o que se tem publicado nos últimos anos possa ser considerado no mesmo plano de qualidade e encarado como igualmente significativo no esforço interpretativo do nosso passado recente. No entanto, na presença de condições de investigação até agora pouco favoráveis a um trabalho sistemático e profundo, teremos sempre de saudar as contribuições parcelares ainda que elas padeçam de lacunas e limites que lhe possam diminuir a dimensão.

Os dois volumes que David Ferreira fez recentemente publicar não pretendem ser obra definitivamente esclarecedora. O próprio autor disso nos adverte no prefácio ao traçar os limites do seu próprio trabalho.

Os dois volumes agora publicados têm o grande mérito de sistematizarem a formação dos sucessivos governos republicanos, a sua acção governativa, os movimentos militares, as eleições e algumas correntes políticas para o período compreendido entre 1910 e 1951. Obra extremamente útil, de consulta obrigatória para quem queira analisar os primeiros cinco anos da República Democrática. No entanto há que discutir alguns critérios e concepções de base que julgo estarem inplícitos (e até muito explícitos em alguns casos) nas páginas dos dois volumes.

Com efeito, ocorre de imediato perguntar: o que se entende por «História Política» É que uma das limitações fundamentais deste trabalho é, ao que julgamos, a consideração da história política como uma *realidade própria* isto é, como objecto de investigação nitidamente demarcado, com *vida* própria e uma *realidade* desligada do processo dinâmico da sociedade portuguesa.

A *História Política da Primeira República Portuguesa* surge-nos como algo de separável das classes e grupos sociais, como *objecto em si*, como actividade que «flutua sobre o *real social*» e não como parte integrante desse mesmo *real*.

Esta limitação de base origina, como sua consequência natural, a incompreensão da função efectiva dos grupos partidários em presença na sociedade portuguesa. O que destingue o evolucionismo de A. J. de Almeida do unionismo de Brito Camacho. Qual a composição social do Partido Republicano Português (democrático)? Que «jogo de interesses» determina a formação dos sucessivos governos republicanos. Que deveremos entender por «governos de concentração» em termos da dinâmica social portuguesa após a implantação da República?

Estas questões que acabamos de formular não têm resposta nas páginas escritas por David Ferreira.

Julgamos mesmo que o autor não poderia dar-lhes resposta e, todavia, consideramos que a História Política só existe como tal se for conectada com a História Social ou se, pelo menos, o processo social estiver implicitamente presente na análise das «actuações políticas».

Das limitações de base já apontadas resulta um livro que não contribui para a compreensão profunda e esclarecedora (ainda que a título provisório) do período em questão.

Estas considerações não invalidam *o real mérito* do trabalho de David Ferreira que, no entanto, deve ser lido e percebido em conexão com outras obras, por ora escassas, com prespectivas de abordagem diferentes e que, porventura, alargam e esclarecem a sistematização da actividade política que estes dois volumes nos fornecem.

Ressalva-se o propósito de «imparcialidade» do autor que se traduz num esforço de descrição não-apologetico; todavia as já aludidas limitações de base impedem-no de aprofundar a análise e dimensionar socialmente algumas considerações.

Um livro a ler. Um livro sem dúvida muito útil sobretudo quando for possível dispor de tentativas de síntese interpretativa de carácter global para o primeiro quartel do nosso século. Um livro, apesar de tudo isto, limitado.

António César G. Oliveira

JAVEAU, Claude — *L'enquête par questionnaire. Manuel à l'usage du praticien*, Bruxelas, Editions de l'Institut de Sociologie, Université Libre de Bruxelles, 1971.

A diversificada e complementar actividade e experiência de Claude Javeau, enquanto investigador de um Centro de Estudos ligado ao Instituto de Sociologia da Universidade Livre de Bruxelas, professor de me-